



ANO NOVO, VIDA NOVA?

As festas de Natal e Ano Novo costumam predispor boa parte das pessoas a fazerem um balanço do ano que se encerrou. Os amigos conquistados, os que se foram, novos afetos, o fim de uma relação complicada, o sucesso profissional, a busca por um novo emprego, um filho que nasce, outro que sai de casa para experimentar a vida por conta própria...

É o final de um ciclo, o que leva muita gente à renovação, à abertura para coisas novas e, conseqüentemente, ao descarte do que já não serve mais. Por exemplo: rever os livros de estimação (aqueles que não se dá nem se empresta), separar os que não nos interessam mais e só ocupam lugar na prateleira, rasgar papel, reorganizar a casa, renovar o guarda-roupa.

Na maior parte dos casos, essa renovação que o novo ano inspira está no plano do abstrato. Em vez de descartar livros ou rasgar papel, nos propomos a afastar idéias antigas que não deram certo, descartar manias que só atrapalharam nossa vida ou propor novos caminhos, sempre com a esperança de que, desta vez, vá funcionar.

Para falar sobre esse assunto tão pessoal,

mas que atinge a maioria das pessoas, o Jornal da Universidade convidou os professores da UFRGS Fernando José da Rocha, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e Edson Luiz André de Souza, do Instituto de Psicologia. Partindo de seus campos de atuação, ambos apresentam diferentes visões sobre o simbolismo da mudança de ano na vida de todos nós.

Uma abordagem filosófica

Fernando José R. da Rocha

PhD do Departamento de Filosofia

Recorremos a Bertrand Russel para fazer a abertura deste texto. Na introdução de sua *História da Filosofia Ocidental* (1952), ele nos diz que “as concepções da vida e do mundo que nós chamamos de ‘filosofia’ são produtos de dois fatores: as concepções religiosas e éticas que nós herdamos, e uma espécie de investigação que poderíamos chamar de ‘científica’, tomando este termo em seu sentido mais amplo”. Isto posto, constata-se que o leque de opções filosóficas é bastante amplo, pois basta que um dos fatores varie para que se tenha uma nova proposta de como ver o mundo e a vida. Optamos por apresentar três cenários: o primeiro será o das sociedades tradicionais, pagãs; o segundo, o da tradição judaico-cristã; e o terceiro, o que nos apontam as recentes descobertas da física realizadas notadamente por A. Einstein, N. Bohr, W.K. Eisemberg, E. Schrodinger e W.Pauli.

Nas sociedades tradicionais, a representação que vigorou foi a de um mundo que se deslocava no tempo segundo um modelo circular. De acordo com o senso comum e a ciência, o que encontramos na natureza são ciclos, que pressupõem uma evolução circular para uns, em espiral para outros. O homem marca tais ciclos por ritos, cuja função primordial é a de remetê-lo à sua origem, de acordo com os mitos fundadores. O rito é uma repetição, repetição simbólica de um ato considerado sagrado, um retorno do mesmo, no tempo sagrado da criação. Portanto, o homem vive inserido na natureza, seguindo ciclos vitais, num contínuo presente místico que se renova a cada ciclo.

Já a cultura de tradição judaico-cristã vive sob a égide da temporalidade histórica, linear. A crença na representação cíclica do tempo dava base de sustentação à do renascimento, esta inconcebível aos dogmas do catolicismo. Um concílio estabeleceu que tais crenças pagãs deveriam ser abandonadas. No mundo cristão, o ho-

Num país tão desiludido como o nosso, que a Filosofia nos traga esperança

mem, supra-natural, vive num tempo concebido como uma linha reta, na qual os acontecimentos ocorrem: desde a gênese, até o apocalipse. Isto se prestou bem para a implantação da crença racionalista em um futuro orientado ao progresso – não à renovação – à devastação da natureza...

Para apresentar o cenário que nos dá a física, servimo-nos de A. Koyré em *Du monde clos à l'univers infini* (1973). Segundo ele, o desenvolvimento recente da física se fez acompanhar de uma revolução intelectual e cultural. Esta levou à destruição da noção que se tinha de mundo, como fechado, hierarquizado, centrado sobre o homem, que herdamos ainda dos gregos. Surge, então, um outro mundo, um universo infinito, no qual a Terra perde a posição privilegiada de outrora, onde os valores dos homens e de suas sociedades não têm mais correlatos nem justificativas. Habitante recente e minoritário de um pequeno planeta de um astro de periferia, o homem deixa de ser um autoproclamado eleito de Deus, para tornar-se um sujeito livre e consciente, num universo que não dá sentido algum a suas esperanças ou a suas escolhas. No entanto nesse espaço aberto, abre-se também a possibilidade de um futuro cíclico, sem ser uma mera repetição do mesmo, o homem inserido num processo dinâmico, juntamente com a natureza.

Num mundo tão conflagrado, e sobretudo num país tão desiludido como o nosso, que a filosofia, ao menos, nos dê esperança de uma vida nova. Vale a pena continuar acreditando na força criativa e regeneradora deste homem re-inserido na natureza. Segundo os modelos cíclicos, o Ano Novo pode servir de marco e de estímulo na busca de vida nova tanto para a natureza, quanto para nós mesmos. O que o homem deseja com convicção, alcança. Efetivamente. As curas (in)explicáveis aí estão para confirmar. Feliz vida nova a todos.

Esperança: nosso oxigênio

Edson Luiz André de Souza

Professor dos Programas de Pós-graduação em Psicologia Social e em Artes Visuais

Queiramos ou não, somos fascinados pela lógica dos ciclos. Eles indicam um ponto de partida e um ponto de chegada. Estes ciclos pulsam na natureza: as estações do ano, as migrações dos pássaros, o movimento das marés. Habitam também nosso corpo: o ciclo de algumas doenças, da reprodução, da vida e da morte. Talvez esse fascínio pelo cíclico revele nossa necessidade paradoxal de buscar simultaneamente o deserto do hábito e da repetição e, ao mesmo tempo, o oásis do novo e do inesperado. Ficar com o que se conhece nos dá segurança, mas paralisa. Lançar-se no novo nos entusiasma, mas assusta. O que nos diferencia dos ciclos da natureza é que podemos e criamos a todo o momento novos ciclos. Não somos necessariamente escravos de um instinto que nos obriga a certas ações.

A existência de cada um permite que sejamos capazes de criar marcas que possam desenharmos os percursos de vida em um antes e um depois e, assim, configurar novos horizontes e paisagens. Para todos nós alguns acontecimentos são verdadeiras fronteiras demarcando espaços (de vida): o casamento, a formatura, a morte, o nascimento, a doença, uma viagem, um encontro, uma leitura, uma idéia, um acidente. A cada ano novo se reatualiza essa sensação de poder ser diferente, fazer diferente, viver diferente. Por quê? Essas passagens abrem um certo espaço para a esperança. Ernst Bloch, escreveu um magnífico livro sobre esta questão, que acaba de ser traduzido para o português (mesmo que com 50 anos de atraso). Afirma em seu *Princípio Esperança* que “A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas”. Esta esperança não precisa ser necessariamente ingênua e, certamente, são muitos os sonhos que paralisam, aprisionam e acomodam. Mas, como insiste Bloch, também existem sonhos que nos acordam, que convocam à

A falta de esperança é o mais insuportável para as necessidades humanas

ação. É aqui que devemos pensar na função das utopias como uma das atitudes mais responsáveis diante da vida.

Vielthäninov, personagem de Fiódor Dostoiévski no romance *O Eterno Marido* tem muitos sonhos, mas, quando chega em casa, se confronta com uma paralisia na vida que o afoga no mesmo e na desesperança. Bloch insiste em seu li-

vro que “pensar é transpor”. Podemos acrescentar que para transpor é preciso estar disposto a perder, a deixar para trás a aglomeração das coisas havidas e assim implodir nosso castelo de fatalidades como lembra Leibniz. Cada ano novo interpela as utopias de cada um. E se algum fatalista de plantão gritar indignado que isto é impossível vale lembrar nossa responsabilidade histórica com o impossível. As utopias historicamente não pretendiam ser prescritivas. Sempre foram ficções que mantiveram acesa a esperança de desnaturalizar os acontecimentos e a realidade e apontar para outras configurações possíveis. Surge daí a vocação política das utopias. Tinham, portanto, principalmente uma função crítica com o aqui e o agora. Como sublinha Jacques Derrida “não há responsabilidade que não seja experiência do impossível”.

Hoje vivemos dias difíceis. A desigualdade social, a miséria, a crueldade humana chegaram a níveis tão alarmantes que não podemos esperar 365 dias para renovar as esperanças e partir para novas ações. Há acontecimentos que nos exigem uma pausa para reflexão, pois tocam no intolerável. Basta uma imagem para dar a dimensão do que estou mencionando: final de novembro, traficantes no Rio de Janeiro escolhem um ônibus de forma aleatória e o incendiam com todos os passageiros, deixando mortos e feridos, entre os quais uma mãe e sua filha de um ano: Vânia e Vitória. Depois de fatos como este, só mesmo um dia primeiro de um novo ano no qual fosse possível reverter este pesadelo. Como diz Walter Benjamin: “Que as coisas continuem como antes, eis a catástrofe”.

